

## NÓS NÃO SOMOS ÍNDIOS

por Bráz de Oliveira França - Rio Negro/AM - 1999.

*A narrativa abaixo foi coletada e editada por Geraldo Andrello (antropólogo, ISA/Unicamp). O narrador, o Baré Braz de Oliveira França, foi presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) entre 1990 e 1997.*

*Aicué curí uiocó, paraná-assú sui, peruaiana, quirimbaú piri pessuí* [Vai aparecer do rio maior, o maior e mais poderoso inimigo de vocês]. Foi com essa mensagem que Ponaminari, o grande mensageiro de Tupana, tentou prevenir todos os povos que dominavam estas terras antes de 1500. Talvez os pajés e os chefes imaginassem que este poderoso inimigo fosse uma epidemia, ou a ira dos ventos, revolta das matas, ou mesmo vingança de Curupira. Mas em nenhum momento eles imaginaram que o inimigo seria o homem branco, vindo do meio do mar, conforme testemunharam os olhares Tupiniquim, Tupinambá e quem sabe outros povos nativos da costa Atlântica. Muitos anos depois, essa mesma história se repetiria nas terras dos valentes Xavante, Kaiapó, Juruna e Kayabi no Centro-Oeste, entre os Tarumã, Baré e Manao, na confluência dos rios Negro e Solimões, e entre os Tukano, Baniwa, Desana e outros no extremo norte, no alto rio Negro.

Possivelmente, esses brancos foram recebidos com grande surpresa e admiração, mostrando-se por sua vez, com cara de bons amigos, oferecendo presentes, tentando se comunicar através de gestos e sinais. Em seguida, voltaram a seu país de origem, para comunicar ao rei a descoberta de novas terras, habitadas por indianos bugres ou indianos selvagens. Com essa notícia, o rei de Portugal deve ter, naturalmente, enviado para estas terras vários navios com milhares de pessoas, com autorização para ocupar e dominar o maior espaço possível do território então ocupado por seus verdadeiros donos, a custo de qualquer preço.

Enquanto isso, o povo jamais poderia imaginar a tamanha barbaridade que o homem branco seria capaz. Não sabiam que a partir de então estava decretado o genocídio, o etnocídio, os massacres e as opressões dirigidos àqueles que passaram a ser chamados de índios.

(...)

BRAZ, de Oliveira França (Baré), Nós não éramos índios. In: Povos indígenas do Brasil. Disponível em:

[https://pib.socioambiental.org/pt/%22N%C3%B3s\\_n%C3%A3o\\_eramos\\_%C3%ADndios%22](https://pib.socioambiental.org/pt/%22N%C3%B3s_n%C3%A3o_eramos_%C3%ADndios%22). Acesso em: 23 nov. 2018.